

A gestão educacional



Benjamin Ribeiro*



Pesquisa divulgada recentemente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que a taxa de escolarização, na faixa etária entre sete e 14 anos, avançou de 86,6% em 1992 para 97,9% em 2008, com poucas diferenças entre homens e mulheres e entre brancos e pretos/pardos. Revela, também, que o Brasil avançou nos principais indicadores de sustentabilidade, mas ainda apresenta graves problemas ambientais e sociais.

Apesar disso, a taxa de analfabetismo entre os brasileiros com 15 anos ou mais ainda era de 10% em 2008, e o tempo médio de estudo entre aqueles com 25 anos ou mais de idade ainda estava em sete anos, abaixo, portanto, dos nove anos necessários para a conclusão do Ensino Fundamental.

Em 2009, por exemplo, a área desmatada na Amazônia foi 74,1% menor do que a de 2004. Mesmo assim, a destruição já atinge 14,6% da Amazônia Legal, e as queimadas e o desflorestamento ainda são os principais responsáveis pelas emissões de gases de efeito estufa no Brasil. No total, o IBGE analisou 55 indicadores sociais, ambientais e econômicos.

Como se vê, temos melhorado bastante, mas falta muito ainda para alcançar o patamar desejado. Nos últimos 20 anos, os debates sobre

educação, tanto no Brasil como no continente latino-americano, têm se encaminhado na direção de reforçar a educação básica e, em especial, a sua qualidade. Essas premissas baseiam-se na busca pela evolução dos sistemas educacionais, em nível mundial, e nas novas exigências que os sistemas industrial e produtivo impõem ao setor educacional. Foi por essa razão que, em meados dos anos 1980, foram apresentadas novas tendências especialmente relacionadas à gestão escolar e às medidas para assegurar a qualidade do ensino.

Por isso mesmo, reafirmo minha convicção, e minha preocupação, quanto ao estímulo do ensino básico. É nessa faixa etária que acontece o desenvolvimento da criança, principalmente na Educação Infantil. Acredito que o grande problema da má qualidade da educação pública brasileira é a falta de inves-

timento nesse setor. Está provado cientificamente que essa fase da criança é decisiva para toda sua formação escolar e intelectual, portanto todo centavo investido nesse período retorna, com certeza, para a sociedade, que se beneficia com a formação de melhores cidadãos, com a diminuição da dependência da ajuda estatal e a redução nos índices de criminalidade.

Para o ensino básico da rede pública não faltam só recursos, é necessário, também, um amplo programa de gestão, bem elaborado e exequível, capaz de colocar a escola na vanguarda do amplo desenvolvimento que o Brasil atravessa, pois só com uma educação forte e bem planejada poderemos alcançar o mesmo patamar de países do primeiro mundo. Outro desafio que devemos enfrentar, com a maior brevidade possível, é a qualificação de professores e o desenvolvimento de novas tecnologias para colocar à disposição da massa de alunos que chega aos bancos escolares. É preciso que a escola seja eficiente e democrática para auxiliar na formação do futuro cidadão brasileiro. No mundo globalizado de hoje, só alcançaremos êxito com uma boa educação. ■

*Presidente licenciado do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieesp)

benjamin@einstein24h.com.br